

METODOLOGIA RIZOMÁTICA: criando redes de compartilhamento de conhecimento e experiências

Valeska Nakad¹

RESUMO:

O artigo apresentado explora a transformação das relações humanas e do conhecimento na era da informação. Inspirado por Gilles Deleuze, o texto contrasta o modelo tradicional da árvore do conhecimento com a abordagem rizomática, que promove uma rede não linear de conexões entre diversos campos do saber. Este modelo reflete a fluidez e dinamicidade da modernidade líquida descrita por Zygmunt Bauman, onde a volatilidade das relações sociais e de trabalho demanda constante adaptabilidade. A Metodologia Rizomática aplicada às empresas visa disseminar conhecimento tácito e experiências através de redes colaborativas, fortalecendo a inovação e a competitividade. A teoria da destruição criativa de Joseph Schumpeter, que destaca a importância da inovação empresarial, e o círculo dourado de Simon Sinek, que enfatiza o propósito nas ações empresariais, são incorporados para promover o crescimento sustentável. Esta metodologia busca transformar dados em conhecimento aplicável, incentivando a cooperação e a criação de uma rede de boas práticas. A abordagem rizomática permite que as empresas compartilhem suas histórias e estratégias, fomentando um ambiente de aprendizado contínuo e adaptável às rápidas mudanças do mercado globalizado.

Palavras-chave: Metodologia rizomática. Rizoma de Deleuze. Redes de compartilhamento.

ABSTRACT:

The article "Rhizomatic Methodology: Creating Knowledge and Experience Sharing Networks" explores the transformation of human relationships and knowledge in the information age. Inspired by Gilles Deleuze, the text contrasts the traditional model of the tree of knowledge with the rhizomatic approach, which promotes a non-linear network of connections between different fields of knowledge. This model reflects the fluidity and dynamism of liquid modernity described by Zygmunt Bauman, where the volatility of social and work relations demands constant adaptability. The Rhizomatic Methodology applied to companies aims to disseminate tacit knowledge and experiences through collaborative networks, strengthening innovation and competitiveness. Joseph Schumpeter's theory of creative destruction, which highlights the importance of business innovation, and Simon Sinek's golden circle, which emphasizes purpose in business actions, are incorporated to promote sustainable growth. This methodology seeks to transform data into applicable knowledge, encouraging cooperation and the creation of a network of good practices. The rhizomatic approach allows companies to share their stories and strategies, fostering a continuous learning environment that is adaptable to rapid changes in the globalized market.

Keywords: Rhizomatic methodology. Deleuze's rhizome. Sharing networks.

¹ Presidente da CPA, Coordenadora do Curso de Design de Moda e Professora do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. Sócia-Diretora da Empresa R2E - Retail2Engage - www.retail2engage.com (Harley Davidson - SEBRAE Paraná - Leroy Merlin) Coordenou o Curso de Design de Moda da FEBASP de 2011 a 2016 - 1ª gestão. Coordenadora do Curso de DESIGN de Joalheria. Coordenador do Curso de Pós-graduação Consumo de Luxo em Mercados Emergentes - Belas Artes. É mestre em Comunicação Contemporânea pela Universidade Anhembi Morumbi, (2008). Especialista em Negócios da Moda pela Universidade Anhembi Morumbi e em Business Communication pela FIU- Florida International University (FL-USA). Possui graduação em Desenho Industrial - Projeto do Produto pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1998).

“O que não for bom para a colmeia
também não é bom para a abelha.”
(Montesquieu)

O mundo é plano, argumenta Thomas L. Friedman, jornalista americano (O Mundo é Plano, 2005, p.13), ao enunciar esta constatação, em contraponto Cristovão Colombo que anuncia aos reis de Espanha que a Terra é redonda, Friedman situa a contemporaneidade permeada por tecnologia da informação, pelo salto quantitativo de dados, pela busca desenfreada por engajamento em ideias, projetos, comportamentos, crenças.

Uma rede de conexões, que atravessa fronteiras, culturas, linguagens, estruturas, civilizações. Trata-se também das mudanças nas relações humanas, onde o outro está mais próximo, as distâncias são calculadas pelos apps (aplicativos) instalados nos smartphones. Nesta rede, emergem os dados como metais e pedras preciosas, que a este exemplo, necessitam ser extraídos, selecionados e lapidados para serem vistos como preciosidades, da mesma forma após extrair os dados, depara-se com o desafio da seleção, da filtragem de informações verdadeiras. Isto é, a transformação de dados em conhecimento que possa ser aplicado, atribuído de qualidades que os tornam essenciais para o crescimento social e humano. É tarefa que exige a colaboração, a especialidade, a dedicação de muitos.

Ante a nova configuração global e contemporânea, o sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman cunhou o termo modernidade líquida, na qual busca discernir sobre o mundo globalizado em que vivemos, e que até o momento se esvaiu, uma vez que a liquidez e sua volatilidade vieram desorganizar todas as esferas da vida social como o amor, a cultura, o trabalho, a existência humana, desafiando a permanência, o que ele chama de modernidade sólida, de tudo o que conhecemos e vivemos.

A fluidez, a dinâmica e a imprevisibilidade nas relações sociais e de trabalho, forjadas pelo constante deslocamento como estilo de vida na busca por oportunidades e prazer, pelas mudanças do emprego e das empresas, pelas novas configurações profissionais, pelos meios híbridos de educação e formação exigem adaptabilidade constante.

Em nenhum outro momento da história o acesso à informação foi tão impulsionado pela disponibilidade, democratizada nas plataformas tecnológicas de busca, mas ao mesmo tempo, depara-se com a complexidade em extrair e estruturar informação que possa ser aplicada a determinado ambiente ou situação, ou melhor, gerar conhecimento estruturado sobre determinado tema. Em vista disso, o que é conhecimento, como se dá, como se processa, como evolui, são questionamentos da contemporaneidade, em suas novas estruturas humano-máquina, humano-tecnológico.

A seleção de dados e sua configuração em forma de conhecimento gera reflexões desde os primórdios da humanidade, configurando-se na filosofia da Grécia Antiga, fundamentada pelos preceitos filosóficos de Platão que está relacionada ao mundo das ideias e à dialética.

As ideias são “imagens” concebidas pelo pensamento em contato com a realidade. São por isso chamadas de “conceitos”. O conceito é uma representação, no plano da linguagem, daquilo que uma coisa é, comportando em sua expressão todo o contato do pensamento com a realidade; mais contemporaneamente. (SOUZA, RODRIGO MATOS DE, 2012, p.239)

O modelo imagético do pensamento ocidental acerca do conhecimento humano é denominado de árvore do conhecimento. Fundamentado no princípio no contexto socrático de “conhece a ti mesmo” e que até a contemporaneidade, segundo Souza, continua sendo o mesmo, formado por ramificações, nas quais os galhos representam as diferentes ciências e saberes produzidos pela humanidade

é curioso como a árvore dominou a realidade ocidental e todo o pensamento ocidental, da botânica à biologia, a anatomia, mas também a gnosiologia, a teologia, toda filosofia...: o fundamento-raiz” (DELEUZE Apud SOUZA, RODRIGO MATOS DE, 2012, p.242)

A- RIZOMA DE DELEUZE

Entretanto, o filósofo francês Gilles Deleuze em sua obra *Rhizome*, contrapõe a organização do conhecimento em árvore e propõe que a organização do conhecimento se dê em rede não linear (pensamento em rede) formando conexões que abarcam diversos campos das ciências: biológicas, sociais e exatas, as relações interativas homem-máquina e as inovações tecnológicas.

“Um único conhecimento pode colocar em questão e transformar tudo o que já existe em totalidade, mas a informação não tem essa negatividade. A experiência também tem consequências, fortalecendo a transformação...” (BYUNG-CHUL HAN, 2017, p.71)

Ao trazermos a configuração do conhecimento proposto por Deleuze, retomamos a formatação do mundo plano de Friedman, pois trata-se de acercar-se das mudanças ocorridas nas relações entre o homem, a máquina, a tecnologia, a inovação e o próprio homem que estabelece a necessidade de desenvolver novas estruturas de se processar o conhecimento, segundo Souza, o modelo rizomático propõe pensar o mundo a partir dos conceitos, “um modelo que proporcionasse uma representação mais próxima da superfície, do pensamento que se propaga em vastidão” (p.244).

A1- IMAGEM E SISTEMA

Ao confrontar o modelo imagético arbóreo como estrutura do pensamento e propor um novo modelo, o rizoma, Deleuze critica a inércia do modelo anterior, uma vez que neste modelo, os galhos não podem comunicar-se entre si, eles só podem comunicar-se com o tronco. Lembrando que conhecimento é a capacidade humana de entender, apreender e compreender as coisas em sua complexidade, além de observar o que pode ser aplicado, criando e experimentando o novo (wikipedia, 2021 06.19), ou ainda, é o ato de entender, compreender, apreender algo por meio da experiência ou do raciocínio:

“o pensamento não é arborescente e o cérebro não é uma matéria enraizada nem ramificada. O que se chama de equivocadamente de dentritos não assegura uma conexão de neurônios em um tecido contínuo. A descontinuidade das células, o papel dos axônios, o funcionamento das sinapses, a existências de micro fendas sinápticas,

o salto de cada mensagem por cima destas fendas fazem do cérebro uma multiplicidade que, no seu plano de consistência ou em sua articulação, banha todo um sistema probabilístico. Muitas pessoas têm uma árvore plantada na cabeça, mas o próprio cérebro é muito mais uma erva [daninha] do que uma árvore. (DELEUZE apud SOUZA, RODRIGO MATOS DE, 2012, p.247)

Em sua crítica ao modelo imagético arbóreo, Deleuze não exclui a este modelo como forma de construção do pensamento, mas propõe que não seja o único, mas diferente do sistema arbóreo em que o indivíduo mantém relação de troca com seu vizinho imediato ou com o superior hierárquico, em estrutura verticalizada, o modelo imagético em forma de rizoma (ou erva-daninha), que se estende pelos platôs propõe que a organização e a aplicação do conhecimento se processe em forma de rede, em estrutura horizontalizada, para todas as direções.

“Contrariamente ao calcular, o pensar não é transparente; ele não segue o curso que calcula um asseguramento prévio, mas lança no aberto”. (BYUNG-CHUL HAN, 2017, p.71)

Na biologia, rizoma é um “caule subterrâneo e rico em reservas, comum em plantas vivazes, caracterizado pela presença de escamas e gemas, capaz de emitir ramos folíferos, floríferos e raízes” (Oxford Language), portanto, qualquer parte de um rizoma pode conectar-se a outro, crescer e espalhar. Um rizoma está sempre no caminho, necessariamente, não tem começo ou fim, cresce em todas as direções, até mesmo transpondo obstáculos

Ao estruturar a analogia entre a botânica e a filosofia, Deleuze, em sua proposta, defende que o modelo está estruturado em uma composição em formato de aliança ou melhor:

“a estrutura do conhecimento não deriva, por meios lógicos, de um conjunto de princípios primeiros, mas sim elabora-se simultaneamente, a partir de todos os pontos sob a influência de diferentes observações e conceitualizações. Isto não implica que uma estrutura rizomática seja necessariamente flexível ou instável, porém exige que qualquer modelo de ordem possa ser modificado: existem, no rizoma, linhas de solidez e organização fixadas por grupos ou

conjuntos de conceitos afins. Tais conjuntos definem territórios relativamente estáveis dentro do rizoma” (Wikipedia 2021 06 20).

Para discernir sobre a proposição de Deleuze sobre a dimensão sistêmica, na qual contrapõe-se ao conceito tradicional de sistema, se faz necessário contextualizar o momento social, político e econômico na qual a teoria foi desenvolvida, a saber, no período da revolução estudantil de maio de 1968 na França, na busca por resposta às incertezas, aos fenômenos sociais e culturais, às crises do pensamento de então. Ao forjar a proposta de uma nova dimensão sistêmica, o filósofo busca na linguística, na música, na literatura, nas artes plásticas, na biologia, na botânica o arcabouço para estabelecer sua *própria sistemática circunstancial e criativa*, onde conceito é intrínseco a algo distanciando-se da filosofia, na qual conceito é essência de algo, caminho natural do processo.

“fazer filosofia é tentar inventar ou criar conceitos. Ocorre que os conceitos têm vários aspectos possíveis. Por muito tempo eles foram usados para determinar o que uma coisa é (essência). Nós, ao contrário, nos interessamos pelas circunstâncias de uma coisa: em que casos, onde e quando, como, etc.? Para nós, o conceito deve dizer o acontecimento, e não mais a essência” (DELEUZE apud SOUZA, RODRIGO MATOS DE, 2012, p.249)

Em seu artigo Souza aponta a estrutura do “fazer rizoma”, a saber:

1º e 2º - Princípios de conexão e heterogeneidade: os pontos do rizoma são interconectáveis, podendo ser contínuo, na qual qualquer parte conecta a outra, assim a heterogeneidade encontra-se no eixo das conexões, resultando em novas e diversas características;

3º. Princípio de multiplicidade – “são rizomáticas, não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza”

4º. Princípio de ruptura a-significante: em um rizoma, as linhas entrelaçam-se e nunca param de prolonga-se, umas às outras, em um contínuo.

5º. E 6º - Princípio de cartografia e de decalcomania – o rizoma é como um mapa, no qual cada mudança de caminho deve ser retraçada, para conectar-se a realidade.

Assim a estrutura de rizoma não se restringe a somente uma representação imagética, uma vez que no próprio conceito existe uma relação com a imagem e na imagem uma relação com o conceito (DELEUZE, 2000a, p. 83).

METODOLOGIA RIZOMÁTICA: ESTRUTURA EM REDE DE CONHECIMENTO APLICADA AS EMPRESAS

A modernidade líquida e sua volatilidade, teorizada por Bauman em consonância com o mundo plano de Friedman, exigem mudanças na atuação e nos processos desenvolvidos nas empresas, uma vez que nunca no ambiente social se pode observar tamanha velocidade das mudanças impostas por traços culturais, econômicos, políticos, científicos, tecnológicos, ambientais reorganizando comportamentos de mercado e de consumo de bens e serviços.

Cabe questionar sobre essas mudanças:

- a) como impactam nos processos e no crescimento das empresas frente ao mercado;
- b) como se configuram em suas características e atuação frente aos competidores;
- c) quais caminhos a serem seguidos.

As proposições que impactam o sistema de mercado, configurado por empresas e processos de consumo decorrentes das mudanças, demonstram a necessidade de reação e imersão das empresas em um novo ambiente competitivo e globalizado, mantendo a identidade conquistada até o momento, mas ao mesmo tempo preparando-as para novas etapas de conquista.

Refletir sobre a contemporaneidade, exige que as empresas repensem o seu papel e percurso. Como assegurar que este caminho seja o mais assertivo?

Desenvolver uma metodologia que possa gerar respostas a estes questionamentos, propiciando que as empresas, por meio de seus líderes e gestores refletissem sobre a estrutura interna, as demandas de mercado e o comportamento de consumo. Estes foram os parâmetros para a criação e o desenvolvimento de um projeto metodológico: Metodologia Rizomática.

Portanto a Metodologia Rizomática foi criada com o objetivo de disseminar o conhecimento tácito das empresas – história, experiência, estratégias, aplicando-os como exemplo para a rede, aproximando o conceito de rizoma e a construção de rede de conexões entre empresas para organização e disseminação de conhecimento e experiência, a Metodologia objetiva gerar a compreensão do tema cooperação.

Assim, cada empresa e sua história, conhecimento e experiência seria como um rizoma que cresce, desenvolve-se em redes de boas práticas, boas ações, compartilhamento, engajamento e constituindo-se na base do enredo biográfico da empresa e das marcas que a compõe.

A Metodologia Rizomática pressupõe que cada empresa participante seja um ponto de conexão e compartilhamento da sua comunidade, responsável por propagar a dinâmica (atividades, ações), as crenças e valores desta. E seu papel compreende:

- disseminação em rede: da participação de cada um resulta uma grande cadeia de ações;
- compartilhamento de experiências: as narrativas servem de inspiração para outros;
- envolvimento nos processos: participação ativa e contribuição no desenvolvimento e crescimento da rede (comunidade);

- cada um torna-se uma rede de disseminação junto ao seu grupo de relacionamento;
- Em resumo, trata-se de uma estrutura que se auto-alimenta.

A estrutura sistêmica da Metodologia Rizomática tem como princípio:

- a) a organização do conhecimento em rede, fundamentada no modelo imagético e sistêmico do Rizoma de Deleuze;
- b) o empresário - líder inovador e empreendedor configurado pela teoria da destruição criativa de Schumpeter
- c) no propósito de existência da empresa, desenhado pelo círculo dourado de Sinek.

O rizoma pressupõe múltiplas conexões que são estabelecidas a todo momento, em fluxo constante e por este motivo é classificado como a-centrado, uma vez que não se apoia em um sistema central. Esta configuração aplicada na estrutura de disseminação de conhecimento e experiências adquiridas pelas empresas ao longo de sua existência abre caminho as conjecturas da própria rede e à propagação de aprendizado das melhores práticas e aplicações em estratégias de mercado, sejam de crescimento, manutenção ou revitalização.

Neste contexto torna-se evidente o papel do líder, do empresário cuja atuação encontra-se fundamentada na teoria da destruição criativa relativa a economia dinâmica proposto pelo economista austríaco Joseph Schumpeter, que defende que saltos econômicos devem ser inovadores, inesperados e não-lineares, em que:

“novas tecnologias surgem como ondas, aleatoriamente e geralmente vem acompanhada do aumento da produtividade do capital e do trabalho, pois os empresários inovadores conseguem alocar produtos com vantagens competitivas em relação a suas concorrentes tecnologicamente defasadas” (MOTA, PEDRO L., 2016, p.2).

Para Schumpeter, o empresário inovador e empreendedor é o agente de inovação e de destruição criativa, agindo como uma força propulsora das mudanças. A teoria propõe

que em períodos de avanços tecnológicos e inovação, há mudanças nos processos de produção e de consumo de bens e serviços, portando mudanças no mercado. As empresas investem, dispondo de novas ofertas para o consumo e expansão do mercado, entretanto, no ciclo seguinte temos o efeito de retração, “à medida que as inovações tecnológicas ou as modificações nos produtos antigos são assimilados pela conjuntura e seu consumo generalizado, a taxa de crescimento da economia diminui” (MOTA, PEDRO L., 2016, p.4). A esse perfil de empresário apontado por Schumpeter, destaca-se também a importância da intuição que conforme afirma Carl Jung “é a nossa capacidade de perceber possibilidades, de ver o quadro como um todo, ao mesmo tempo que damos atenção à situação local”.

O efeito cíclico apontado por Schumpeter em sua teoria reproduz a volatilidade da dinâmica de mercado na modernidade líquida, trazida por Bauman, em que se busca por inovação contínua e tecnológica com o risco de sua imediata obsolescência.

O trinômio que caracteriza a contemporaneidade, segundo Bauman, apresenta-se como:

- a- Num mundo plano imerso na tecnologia da informação, onde dados precisam ser processados para serem úteis;
- b- Na fluidez e volatilidade da modernidade líquida que aponta para a desorganização, ou uma nova ordem da vida social e econômica;
- c- No efeito cíclico da teoria da destruição criativa, em que atuam inovações com consequente crescimento econômico e social, e em contraponto a assimilação e obsolescência que resulta em retração.

Ao apontarmos o círculo dourado teoria desenvolvida por Simon Sinek, inspirada na proporção áurea de Leonardo Da Vinci, sustenta que “o círculo dourado acha ordem e previsibilidade no comportamento humano. Em outras palavras, ele ajuda a compreender por que fazemos o que fazemos... fornece uma evidência convincente de

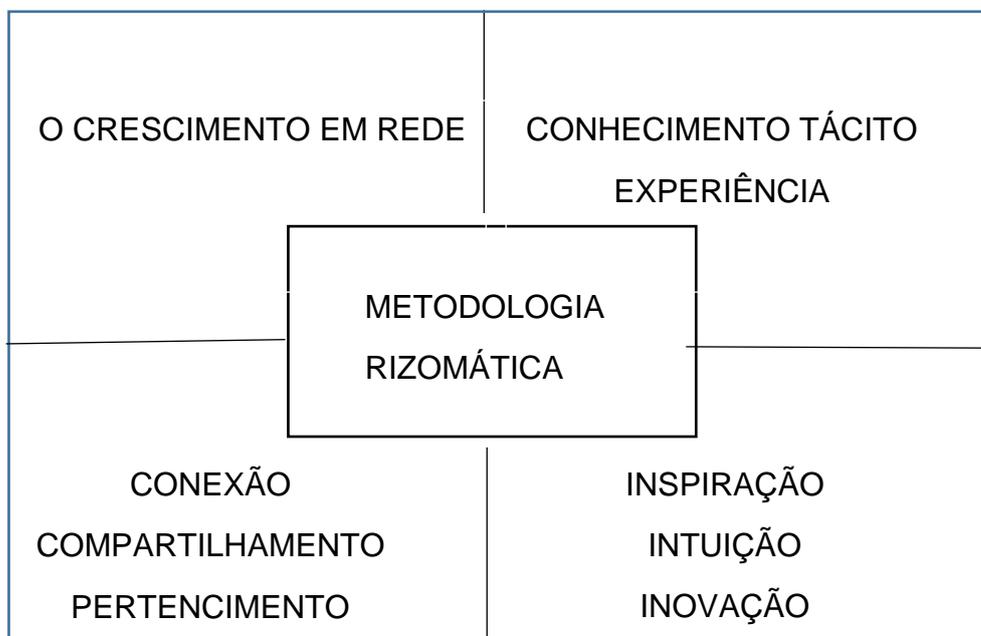
quanto podemos alcançar se nos lembramos de começar tudo o que fazemos perguntando primeiro pelo porquê” (SINEK, SIMON, 2018, p.50).

As colocações de Sinek inspiram a questionar por que fazemos o que fazemos e como fazemos. Compartilhar experiências e aprimorá-las, são formas de aprimoramento do que foi aprendido e apreendido.

De outra forma o compartilhamento cria um senso de pertencimento a algo que cresce e evolui de maneira colaborativa. Sinek argumenta “nossa necessidade de pertencer não é racional, mas uma constante que existe em todos os indivíduos, em todas as culturas. É o sentimento que temos... quando vemos que pertencemos, nos sentimos conectados e seguros” (SINEK, SIMON, 2018, p.65).

Sendo este pertencimento um dos quadrantes que estrutura a metodologia rizomática, fazendo com que o compartilhamento de experiências, ideias e conhecimento tácito estructurem-se em rede de conhecimento.

ESTRUTURA DA METODOLOGIA RIZOMÁTICA



Aplicação da Metodologia Rizomática	
1- Conhecimento Tácito / Experiência	O que sabemos
	Quais foram os resultados
2- Compartilhamento Conexão Pertencimento	O que aprendemos
	Como aprendemos
	Como engajamos as pessoas
3- Inspiração Intuição Inovação	Como fazemos ideias funcionarem
	Como ponderar objeções e minimizar riscos
4- Compartilhamento em Rede	Como disseminar as experiências e discutir a aplicação

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmund. Modernidade Líquida. Ed Zahar, 2001.

CARRASCOZA, João Anzanello, Laboratório do sensível, comunicação, consumo e arte. Editora Sulina Porto Alegre, 2016.

- DAMÁSIO, Antonio. A estranha ordem das coisas. Companhia das Letras, São Paulo, 2018
- DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Contraponto, Rio de Janeiro, 2012
- DELEUZE, Gilles. Rizhome, Paris: Les éditions de Minuits, 1976.
- DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a filosofia. Ed. Rio, 1976.
- EAGLEMAN, David, BRANDT Anthony. Como o cérebro cria. Intrínseca, Rio de Janeiro, 2020
- FRIEDMAN, Thomas L. O mundo é plano. Objetiva, Rio de Janeiro, 2005
- HAN, Byung-Chul. Sociedade da Transparência. Vozes, Petrópolis – RJ, 2017.
- HAN, Byung-Chul. Hiperculturalidade, cultura e globalização. Vozesw, Petrópolis, RJ. 2019
- JAWORSKI, Joseph. Sincronicidade. Senac, São Paulo, 2014.
- KAHNEMAN, Daniel. Rápido e Devagar duas formas de pensar, Objetiva – Rio de Janeiro, 2012
- SCHMITT, Berdn H. Marketing Experimental, Nobel. São Paulo, 2000
- SCHULTZ, Ron. Sabedoria e intuição. Editora Cultriz, São Paulo, 1994.
- SINEK, Simon. Comece pelo porquê. Ed. Sextante, 2018.
- SCHULTZ, Ron. Sabedoria e intuição. Ed. Cultrix/Amana, 1994.
- SOUZA, Rodrigo Matos de. Rizoma deleuze-guattariano: representação, conceito e algumas aproximações com a educação. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 18: maio-out/2012, p.234-259. Doutorando em Educação e Contemporaneidade, Mestre em Estudos de Linguagens e Pedagogo pela Universidade do Estado da Bahia
- WRIGHT, Robert. Por que o budismo funciona. Sextante, Rio de Janeiro, 2018.